RESUMO HISTORICO

DA VIDA DE

FRANCISCO DE HOLLANDA

PELO ABBADE

A. D. DE CASTRO E SOUSA

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/resumohistoricod00cast

RESUMO HISTORICO

DA VIDA DE

FRANCISCO DE HOLLANDA

ARCHITECTO CIVIL, ILLUMINADOR, PINTOR E ESCRIPTOR

RECITADO NA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

NO EDIFICIO GOTHICO DO CARMO

NO DIA 21 DE JULHO DE 1868

PELO ABBADE

A. D. DE CASTRO E SOUSA

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
Travessa da Queimada, 35
1869

... artes mil exercendo com mil partes
São em ti liberaes todas as Artes.

MANUEL DE FARIA E SOUSA. *Egloga* IV.

Venho hoje erguer a minha debil voz, debaixo d'estas venerandas abobadas [1], do estylo da architectura monumental, e religiosa, aonde outr'ora se elevaram canticos de louvor, e perfumes ao Senhor dos exercitos; e á sombra das quaes viveu no derradeiro quartel da vida, esse grande vulto portuguez, o heroe de Aljubarrota D. Nuno Alvares Pereira! e perante tão illustrada Assembléa, apezar de já de poucas forças dotado; ainda assim levantarei a planta de um resumo historico, que sirva ao menos de estimulo para despertar algum socio d'este nosso gremio architectonico, que com penna mais correcta, e com engenho mais purificado, qual não é o meu, poderá com mais facilidade escrever d'aquelle de quem vou fallar, com fraco estylo e tosca linguagem. Sendo-me permittida a escolha do assumpto, segundo o artigo 18 do regulamento interno da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, preferi a de um architecto civil, d'esta nossa terra, dos bons tempos que foram.

[1] De uma das capellas (hoje ruinas) da igreja do convento de Santa Maria do Carmo.

A historia do 16.º seculo, é tão cheia de acontecimentos grandes, já tristes, já gloriosos, que quer suffocar a lastima com o peso da admiração. N'este seculo operou-se uma revolução nas artes, e nas idéas. O ensino organisa-se sob um plano mais vasto. A imprensa reproduz, e multiplica os escriptos dos sabios da antiguidade, e as principaes obras da litteratura classica; e as bellas-artes, desenvolvendo-se admiravelmente, elevam-se a uma altura de que não á exemplo no passado, e que o futuro provavelmente nunca poderá exceder; todavia será sempre notavel, e memorando pelos illustres nomes dos varões famosos em armas, navegações, lettras, e artes que n'elle floresceram. Seculo em que o Papa Leão x, fez renascer as artes em Italia; Francisco I, as levou a afformosear o seu throno na França; Carlos v, coroou de honras, e de gloria em Hespanha, os que mais se distinguiram em professal-as; e el-rei, o senhor D. Manuel, o *Venturoso*, e seu filho, o senhor D. João III, as fizeram reviver em Portugal, e subir a architectura á ultima perfeição; e para verdade veja-se o augusto templo de Santa Maria de Belem, que é o ultimo hymno a Deus estampado na pedra pela poesia religiosa. A architectura christã veio alli dar o derradeiro suspiro na sua ultima batalha contra o renascimento que invadia tudo; alli foi a final vencida. A sua fabrica causou sempre a admiração de nacionaes, e de estrangeiros; e o primeiro monumento da nossa envelhecida gloria, que se lhe offerece ao entrarem no Tejo. Foi pois n'este seculo que, no anno de 1518, nasceu na cidade de Lisboa Francisco de Hollanda, filho de Antonio de Hollanda, [1] pintor de profissão, o primeiro que em Portugal illuminou de branco, e preto sobre pergaminho com toques de oiro moido; irmão de Miguel de Hollanda.

Escudeiro fidalgo e thesoureiro geral da cidade de Gôa; sobrinho de João Homem de Hollanda, que foi o primeiro juiz de fóra

[1] Que era oriundo de *Hollanda*, e foi quem illuminou os livros, escriptos em pergaminho, do coro do Real Convento da Ordem Militar de Christo em Thomar. Veja-se Livro 30 de D. João III, na Torre do Tombo.

em a Villa de Obidos, no anno de 1551 [1]. Francisco de Hollanda foi igualmente pintor, como seu pae, o qual teve a prudencia de não se oppôr a que seu filho seguisse a mesma profissão, adoptando n'isto o bom costume dos de Athenas. O philosopho Epictéto diz: «Se quizeres representar n'esta vida alguma figura, que excede a tuas forças, e capacidade, farás duas coisas, que isto que não podes, falo-has mal, e indecentemente; e deixarás o que poderas fazer bem, e com louvor»[2]. Não teve preceptor de pintura. Depois dos primeiros estudos, entregou-se por gosto á sua natural propensão, e taes progressos fez, que conseguiu a fama de ser o primeiro que em Portugal, desenhou á penna sem perfil; e pela continuação do estudo, e raro engenho se fez perito na arte do risco, e architectura. Na sua mocidade foi moço da camara dos senhores infantes D. Fernando, e D. Affonso, cardeal, filhos d'el-rei o senhor D. Manuel; e depois em 1551 cavalleiro fidalgo. Foi casado com D. Luiza da Cunha de Sequeira, pessoa de boa linhagem, e dotada das mais bellas qualidades. D'este matrimonio não houve descendencia. Estando na cidade de Evora, com a corte, achou Francisco de Hollanda a illuminação por pontos com os quaes, para um breviario d'el-rei, o senhor D. João III, miniou com pontos de branco, e preto uma Saudacão a Nossa Senhora, e a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos no Cenaculo. Observando na referida cidade com que o seu talento sabia dar estimação ao antigo o templo chamado vulgarmente de Diana, edificio romano e o melhor conservado dos Alpes para o Occidente; notou que os romanos eram minuciosos até na edificação dos templos dos seus Deoses, destinando a architectura corinthia para os Deoses, e a jonica [3] para as Deosas; e que sendo pois, este templo de architectura corinthia, não a podia julgar dedicado á deosa da casa Diana: O senhor rei D. João III, conhecen-

[1] Veja-se na Torre do Tombo, livro 69 da Chancellaria de D. João III, a fol. 123.

[2] Veja-se Manual de Epictéto Filosofo, cap. 59.

[3] O original mais classico que ainda nos resta d'esta ordem, é o templo de Diana em Epheso.

do o seu grande merito o mandou no anno de 1537 a Italía, sempre grande, e sempre escrava. [1] Esteve em Roma antiga capital do mundo pagão, e que é hoje do mundo christão, e mãe classica das artes, aonde o Papa Paulo III em domingo de Paschoa do anno de 1539, na igreja de S. Pedro e S. Paulo (obra gigante e primorosa de Bramante e Miguel Angelo), lhe administrou a communhão, em presença de todos os cardeaes, dos embaixadores de varias cortes estrangeiras, e de alguns senhores romanos. Em Roma, tratou com os homens mais imminentes na pratica das bellas-artes. Ganhou a amizade do famoso Miguel Angelo, e de outros egregios artistas. Estudou a architectura na referida cidade, pelas ruinas antigas, as quaes não só desenhava, e media como architecto, mas tambem copiava como pintor. Depois esteve em outras cidades da Italia, França, e Hespanha, aonde em companhia do senhor infante D. Luiz, pae do sr. D. Antonio, prior do Crato, com quem muito privava, foi em romaria a S. Thiago de Compostella. Das suas viagens, em que despendeu, onze annos, viajando com decencia como pessoa de espirito elevado, e protegida por um rei; regressou á patria no anno de 1548, com grande reputação grangeada por seus talentos nos paizes estrangeiros.

Foi sobre tudo honrado com a amizade do senhor infante D. Luiz, duque de Beja, e condestavel d'este reino, que se recreava muito com a sua conversação instructiva, assim como da cortezania de suas maneiras, que nunca transpunha as raias da sua pura urbanidade. Francisco de Hollanda não era menos habil nos trabalhos relativos á sua profissão de architecto civil, nem estes o impediam de se dedicar ás lettras, por ser versado em varias linguas especialmente na grega, e latina; e foi o primeiro que em Portugal escreveu sobre bellas-artes. Nas horas que lhe restavam do exercicio de suas obrigações, escreveu as obras seguintes, que nunca se deram á es-

[1] Como com razão lhe chamou o padre José Agostinho de Macedo, vasto philólogo.

tampa, em idioma patrio. A primeira foi um *Tratado da Pintura Antiga*, que começa por uma dedicatoria a el-rei o senhor D. João III, e é dividido em 44 capitulos. A segunda, um dialogo sobre o tirar pelo natural entre elle, e Braz Pereira, cavalleiro muito prendado, que tinha grande genio para a pintura, e architectura, e que se haviam criado ambos em casa do senhor infante D. Fernando. Este dialogo, foi composto no anno de 1549. O tratado da pintura antiga, começa por um retrato do Papa Paulo III, e outro de Miguel Angelo Buonarotti, ambos illuminados. N'elle se observam perfeitamente debuxados os melhores fragmentos das antiguidades de Roma as vistas de Veneza, e de Napoles; alguns sepulchros da Via Appia, o amphitheatro de Norbona, e muitos desenhos de mosaicos, de estatuas iconicas, e outros objectos. Quando o furacão humano, conhecido na historia pelos nomes de Godos, Visigodos, Ostrogodos [1], Getas, Avaros, Hunos e Alanos, passou pela Italia, e destruiu as mais Bellas e admiraveis obras da antiguidade. Roma, cujo nome os barbaros proferiam atravessando a nado os grandes rios, que separam o norte da Europa da Italia, foi das primeiras cidades em que as artes soffreram a palma do martyrio. Segue o Dialogo em que são interlocutores Francisco de Hollanda, Buonarotti, Ambrosio Laetancio (sobrinho do cardeal Senna), Tomoley, Victoria Colonia, Marqueza, viuva de Pescára, D. Julio Clovis de Macedonia, (famoso illuminador), cavalleiro Zapata, e outros professores, e amadores intelligentes das bellas-artes. Escreveu igualmente: *Louvores eternos*, obra que dedicou ao seu Anjo da Guarda, no anno de 1569. Como tambem escreveu: *Amor da aurora*: *Idades do homem*, adornadas estas duas composições com primorosos illuminados. Além do que fica referido escreveu a obra que intitulou: *Fabrica que fallece á*

[1] No anno 500 assentou Theodorico a sua corte em Roma com grande contentamento, e applauso dos romanos: e n'elle teve principio a monarchia dos *Ostrogodos* em Italia, chamados assim para differença dos *Visigodos*, que reinavam em Hespanha. Ostrogodos quer dizer Godos Orientaes: Visigodos quer dizer Godos Occidentaes.

cidade de Lisboa, no anno de 1571, a qual é um pequeno opusculo dirigido a el-rei o senhor D. Sebastião, tem doze capitulos, com 27 desenhos, a saber: da Topographia da cidade de Lisboa; de uma ponte para se fazer no rio do logar de Sacavem; de outra em a Villa de Santarem, no sitio onde chamam a *Ferruja de Torre roxa*; outra na de Abrantes: do prospecto de um palacio, no valle de Xabregas, para el-rei, o senhor D. Sebastião; do retabulo de uma capella, que aconselhava se fizesse no paço, no mesmo logar, onde em 11 de dezembro de 1552, commetteu um bertão, o desacato na presença do senhor rei D. João III. Contem mais desenhos de duas custodias, e de outros varios objectos.

Do seculo XIII, ao fim do seculo XV como exprimiu um escriptor *os architectos não direi illustres, mas sublimes, repartem entre si a Europa, para n'ella semearem suas maravilhas,»* como o attesta este vetusto edificio, em que ora nos achamos, fundado no anno de 1389, pelo verdadeiro *Marte Luzitano,* D. Nuno Alvares Pereira, segundo o risco e desenho do architecto *Gonçalo Eanes* [1]. Edificio apesar de destruido, magestoso para o tempo presente, quanto mais para o antigo, que bem olhado por toda a parte, e considerado o pouco que então era Portugal, está testemunhando em seu fundador um espirito verdadeiramente grande. Acatemos pois este monumento. precioso que representa uma epoca grandiosa. Francisco de Hollanda, viveu no seculo chamado da *Renascença,* em que a architectura desceu dos templos, dos palacios, e dos castellos, para as casas particulares. Desde essa epocha a architectura ogival, que era a architectura monumental, e religiosa da Europa, perdeu a sua mysteriosa poesia [2]. Quando el-rei, o senhor D. Sebastião projectava abastecer a capital do reino, das aguas chamadas livres, como certifica

[1] Veja-se Chronica dos Carmelitas etc. Por fr. José Pereira de Sant'Anna.

[2] A architectura ogival, é, a reunião e alliança intima do systema gothico com o systema arabe ou mourisco. Uma confraria architectonica, de Franc-maçons, foi a que propagou o estylo ogivico.

Nicolau de Frias, então mestre das obras da cidade de Lisboa [1]. ordenou a Francisco de Hollanda, de fazer o risco e desenho de um chafariz para a praça do Rocio. Constava elle da figura de Lysia sobre uma columna cercada de quatro elefantes, os quaes mais pareciam vivos, que figurados deitando agua pelas trombas. [2] Francisco de Hollanda recordando-se de que no reinado d'el-rei, o senhor D. Fernando I, sob a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, na rua nova dos Ferros, (hoje Algibebes), na freguezia de S. Julião, houverá um chafariz com grande tanque, a que chamavam dos Cavallos, por causa de dois, que alli havia de bronze [3]; quiz no Rocio representar os quatro elefantes, para assim este ser chamado. Com perdão de João Baptista de Castro, que ninguem presa mais que eu tal escriptor, do seculo passado, pelas noticias que nos legou, todavia no seu mappa de Portugal, antigo e moderno no tomo I, diga que Francisco de Hollanda fora quem por mandado d'el-rei, o senhor D. Manuel, fizera o risco e desenho do referido chafariz para a praça do Rocio, no que de certo se equivocou, porque Francisco de Hollanda nasceu em 1581 e só então tinha tres annos de idade quando no anno de 1521 falleceu o senhor rei D. Manuel! Do pincel de Francisco de Hollanda havia alguns quadros; que hoje se não sabe aonde param, talvez os consumisse o terremoto do 1 de novembro de 1755, e o incendio que se lhe seguiu. Só de um ha certeza, por constar de uma doação feita por D. Fernando Alvaro de Castro, a favor de D. Manuel de Castro, seu sobrinho, [4] que ainda se conserva em poder do exm.º conde de Penamacor, actual descendente da casa do famoso D. João de Castro, IV viso-rei da India, e modelo de probidade. Representa o quadro o Baptismo de Santo Agostinho, e tem 4 palmos de largo, e 2 de alto, com 21 figuras.

[1] Veja-se Gabinete Historico, tomo X, pag. 192. Por fr. Claudio da Conceição.

[2] Desenho que se conservava na livraria da casa dos ex.mos Condes de Redondo, aonde o vimos em 1830.

[3] Veja-se Chronica d'el-rei D. Fernando I, pag. 205, por Duarte Nunes de Leão

[4] Por alvará de D. Filipe III, de 4 de maio de 1632.

É raro que uma vida cuja primeira parte decorreu prospera, se termine sem graves incommodos. A taça das doçuras da vida contém sempre uma porção de veneno, e força é bebe-lo, ou elle sobrenade ou se precipite no fundo, segundo a sua diversa natureza. Francisco de Hollanda, nos ultimos annos viveu retirado no campo entre Lisboa e Cintra, [1] attenuado pelas vilezas da intriga e desdenhado por falsas cortezanias; esquecido dos homens, esquecido por elles, perto da sua eterna separação, e o tumulo, meditando sobre os verdadeiros bens, e sobre os verdadeiros males, e n'este intervallo, escreveu a obra que intitulou: De *Christo homem*, acompanhada de desenhos; que foi o canto de Cysne. Corria o anno de 1584, quando aos 19 de junho pagou o feudo á natureza, contando 66 annos de idade este insigne architecto civil, illuminador, pintor, e escriptor, cuja perda tão sensivel foi para as boas-artes. Tudo perece pela fraqueza, ou pelo excesso. Porem morrendo os homens. não morre a sua memoria. Os serviços, de Francisco de Hollanda foram remunerados pelos senhores rei D. João III, a rainha D. Catharina, D. Sebastião, e D. Filippe I, o qual se não olvidou depois de conceder uma pensão á viuva D. Luiza da Cunha de Sequeira, em 9 de agosto de 1584. [2] Quando os imperantes, sabem premiar os cidadãos uteis, pode antever-se que as sciencias, e as artes não fallescem no paiz. O *Tratado de Pintura Antiga*, já citado o seu original, no anno de 1809 existia, em poder de Diogo de Carvalho e Sampaio, natural da cidade de Lamego, que foi embaixador extraordinario de Portugal na corte de Madrid, em 1798, e hoje se conserva na livraria da Academia de S. Fernando em Madrid. D'este autographo obteve uma copia exacta o monsenhor Joaquim

[1] Como elle proprio o diz na sua Fabrica que fallece á cidade de Lisboa no cap. 8.

[2] Veja-se na Torre de Tombo, Corp. Chron. parte 1.ª doc. 80. Livro 59. fl. 261 Livro 66, fl. 265, de D. João III. Livro 21, fl. 43, Livro 24, fl. 294. de Sebastião Livro 5, fl. 56, e Livro 11, fl. 42, de Filippe I.

José Ferreira Gordo [1], cuja existe na Academia Real das Sciencias de Lisboa. E o da *Fabrica que fallece á cidade de Lisboa*, que outr'ora pertenceu á ex.ª casa dos condes de Redondo, passou para a livraria de Sua Magestade Fidelissima, no seculo passado, de cujo opusculo ha uma copia exactamente tirada por Luiz Joaquim dos Santos Marrocos a qual igualmente se acha na referida Academia Real das Sciencias de Lisboa. Os escriptos de Francisco de Hollanda, pela sua doutrina, e propriedade de locução, merecem ver a luz publica para instrucção, e aproveitamento dos que seguem o estudo das artes. Este resumo em verdade pequeno, despido de todas as bellezas da eloquencia, de todas as riquezas oratorias, e sem o romanesco da epocha, para o que merece a memoria de um tão eximio artista, só espera ser relevado pela indulgencia que confio alcançar dos que benignos me ouviram. Disse.

[1] Quando, como socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, foi mandado a Hespanha em 1790, por commissão da referida Academia para alli recolher os manuscriptos, de que se podesse tirar alguma luz, da Historia Civil e Litteraria de Portugal.